

INTERSECÇÕES ENTRE TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO - JUVENIL E TRADUÇÃO TÉCNICA: UM OLHAR TERMINOLÓGICO

Arlene KOGLIN⁵

Adriana Maximino do SANTOS⁶

Resumo: A linguagem técnica existe em todas as esferas comunicativas. Encontramos termos técnicos desde um simples diálogo informal a manuais técnicos. Isto não é diferente nas obras literárias; entretanto neste contexto, autores utilizam a terminologia com propósitos diferentes de um evento comunicativo técnico. Ela serve, neste caso, para aumentar a verossimilhança, para descrever personagens, lugares e também para apresentar ao leitor um mundo desconhecido por ele, como acontece frequentemente na literatura infanto-juvenil. Neste estudo, investigamos a ocorrência de linguagem técnica fora do contexto técnico, especificamente em literatura infanto-juvenil, ressaltando sua função e dificuldades para a tradução, bem como os procedimentos de tradução técnica.

Palavras-chave: Tradução de literatura infanto-juvenil. Tradução técnica. Recursos estilísticos.

Abstract: *Technical language is used in all communicative areas, i.e., technical terms can be found both in informal dialogues and user's guide. Terminology is also found in literary books; however, writers use it with different purposes than in a technical communicative event. They use it to increase the likelihood, describe characters and places, and to present the reader to an unknown world, like in children's literature. This study aimed at searching the occurrences of technical language outside supposedly technical contexts, i.e., in children's literature. Besides, we highlight technical language function and its translation difficulties, as well as the procedures for technical translation.*

Keywords: *Translation of children's literature. Technical translation. Stylistic devices.*

⁵ Docente do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), localizada em Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: arlenekoglin@yahoo.com.br.

⁶ Aluna do curso de pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizada em Florianópolis, SC, Brasil. Endereço eletrônico: adriana.maxsan@gmail.com.

Introdução

No âmbito dos estudos tradutológicos, a tradução literária parece ocupar uma posição favorável, talvez até superior em relação às outras modalidades tradutórias. Ao assumir esta posição, a tradução técnica é colocada à parte, não podendo participar das mesmas reflexões feitas para a tradução literária, conforme salienta Azenha (1999). A divisão supostamente estanque entre a tradução literária e a tradução técnica parece ter base, além de questões econômicas e sociais, nas características distintivas de cada área. Tal aspecto define as especificidades de cada modalidade, porém não deveria excluir a possibilidade de interação e intersecção entre elas.

Azenha (1999), ao discutir a tradução técnica sob o ângulo dos condicionantes culturais, afirma que os textos são formas híbridas ancorados historicamente. O tradutor em sua tarefa se depara com este hibridismo textual e a divisão estanque entre o técnico e o literário que, muitas vezes, se desfaz e ambos se complementam.

No cinema e na literatura, também, a linguagem de especialidade é um recurso frequentemente utilizado, o que exige do tradutor um tratamento terminológico adequado. A título de ilustração, tomemos o filme intitulado *O Código da Vinci* cuja terminologia bíblica tem extrema relevância para o desenrolar e/ou compreensão da trama, portanto requer um cuidado especial durante o processo tradutório.

Em face do exposto anteriormente, este estudo objetiva discutir as questões tradutológicas decorrentes da possibilidade de ocorrência de termos técnicos no âmbito da tradução literária. A discussão ancora-se na abordagem funcionalista de Nord (1997) e utiliza exemplos ilustrativos provenientes da obra de literatura infanto-juvenil *Tintenherz*, de autoria da escritora alemã Cornelia Funke. Optou-se por este corpus devido à possibilidade de tratar de áreas de especialidade dentro de uma obra denominada literária e, conseqüentemente, considerada aparentemente divergente à área técnica.

Tradução de literatura infanto-juvenil

No Brasil, há um número crescente de estudos e pesquisas acadêmicas no âmbito da tradução de literatura infanto-juvenil (LIJ). A pesquisa sobre a tradução para crianças e jovens tem percorrido caminhos diferentes dentro dos estudos tradutológicos,

abrangendo diversas subáreas desde a tradução intersemiótica, a tradução de poesia, até investigações que envolvem o estudo do duplo leitor, como discute Zohar Shavit (1986). Também se investiga a questão linguística com enfoque na leiturabilidade, foco de estudo de Tiina Puurtinen (1989), no que concerne à aceitabilidade linguística de livros infantis traduzidos para o finlandês.

Apesar da grande discussão que existe em torno da definição de literatura infanto-juvenil, Coelho (2000) afirma que o leitor dos livros infantis constitui a diferenciação entre a literatura adulta e a literatura infanto-juvenil. A partir deste conceito, é possível estabelecer uma ponte entre as teorias funcionalistas e a tradução de literatura infanto-juvenil, na qual o receptor tem papel central na tradução. Nord, baseada em Oittinen, aponta que:

Uma pergunta se destaca claramente quando traduzimos para crianças: Para quem? Traduzimos para beneficiar os futuros leitores dos textos, crianças que irão ler ou ouvir histórias, crianças que irão interpretar as histórias de seu próprio modo. Esta questão também faz emergir o tema de autoridade. Se simplesmente objetivamos transportar “tudo” da mensagem original, encontrar alguma verdade positivista no original, esqueceremos do objetivo e da função de todo o processo de tradução. Entretanto, se destacarmos a importância, por exemplo, da “leiturabilidade” do texto da língua alvo (preferencialmente de toda a situação), damos prioridade para a criança como leitora, como alguém que entende, como alguém que participa ativamente no evento de leitura”(NORD, 1991, p.131, apud OITTINEN, 1993, p.4)⁷.

Podemos observar aqui, portanto, que a consideração do leitor é fundamental para as decisões tradutórias, pois essa definição de leitor determinará o que é apropriado para a criança, desde a escolha do léxico até o conteúdo.

A autoridade constitui o controle de decisões na maioria das etapas da produção editorial. Por isso, Dias (2001) enfatiza que a tradução de literatura infanto-juvenil é marcada pela assimetria, ou seja, são adultos – autor, tradutor e editora – que coordenam todos os aspectos do processo produtivo e tradutório do livro, bem como determinam a aquisição deste pelos pais.

⁷ One question clearly takes precedence when we translate for children: For Whom? We translate for the benefit of the future readers of the text, children who will read or listen to the stories, children who will interpret the stories in their own ways. This question also brings up the issue of the authority. If we simply aim at conveying “all” of the original message, at finding some positivistic “truth” in the “original”, we forget the purpose and the function of whole translation process. However, if we stress the importance of, for instance the “readability” of the target language text (rather the whole situation) we give priority to the child as a reader, as someone who understands, as someone who actively participates in the reading event.

O que diferencia fundamentalmente a tradução de LIJ de todas as outras traduções é a assimetria (atrelada a determinadas faixas etárias) de todo o processo tradutológico; adultos escrevem para crianças e jovens; adultos traduzem aquilo que foi escrito por adultos para crianças e jovens (REISS, 1982, apud DIAS, 2001, p.42).

Com efeito, é o adulto quem seleciona o livro a ser lido, editado e distribuído a partir de uma concepção de criança. Segundo Shavit (1986), as noções de infância e de criança, de tradutor e de autor, causam um controle de conteúdo, ou filtros, que definem o que deve e não deve ser escrito e traduzido. Este tipo de censura para criança pode ser observado, por exemplo, nas declarações da escritora Cornelia Funke sobre os cuidados que ela toma ao escrever cenas de violência em seus livros.

Então surge a pergunta: como estes filtros podem causar problemas na tradução? O livro (fonte) traz os conceitos de infância e de criança de seu autor e de sua cultura que, em muitos casos, não são compatíveis com a cultura para a qual ele está sendo traduzido. Em certos países, por exemplo, o diálogo sobre sexo não é um tabu, mas pode ser em outros contextos. As soluções para tais impasses, conforme explica Azenha (2005), provêm da negociação entre os agentes de produção do livro, ou seja, autor, editor, tradutor e outros envolvidos

Cabe ressaltar que o adulto não apenas controla a produção e aquisição de livros infanto-juvenis, como também compartilha de sua leitura. Este fato pode ser visto por dois diferentes ângulos. Primeiramente, quando ele lê em voz alta para as crianças e, em segundo, quando ele mesmo se torna um leitor destes tipos de obras como, por exemplo, *Harry Potter* de J. K. Rowling e *Tintenherz* de Cornelia Funke. Desta forma, a literatura infanto-juvenil dispõe de uma característica, denominada por Shavit (1986) de duplo leitor. Segundo a autora, tal aspecto se reflete no texto por meio de uma linguagem que atenda simultaneamente a ambos os públicos: o adulto e a criança. Encontramos assim, livros com temas comuns à literatura adulta narrados em uma linguagem mais acessível, ou estilos mais complexos, como a intertextualidade e ironia, utilizados de uma forma passível de compreensão tanto para a criança como para o adolescente.

Os livros que são lidos por ambos os públicos podem gerar uma incerteza na definição do receptor e, conseqüentemente, na adequação da linguagem, por não se poder definir quais palavras poderiam ser entendidas pelo leitor. Isso, por sua vez, pode

afetar a leiturabilidade. Por este termo, entende-se “o texto sendo suficientemente fácil para as crianças lerem e entenderem”⁸ (PUURTINEN, 1989, p.203).

No caso do livro infanto-juvenil, o léxico e a sintaxe tendem a ser escolhidos de modo que a leitura ocorra de modo natural e o leitor possa entender e desfrutar da leitura. Se a criança ou o jovem encontrarem dificuldades linguísticas para compreensão do texto, estes poderão se sentir desmotivados a continuar lendo, como explica Dias (2001, p.52):

A escolha do léxico é, portanto, essencial para a geração de produtos infantis, principalmente livros. Quando o leitor consegue compreender um termo, porque consegue associá-lo a um outro de seu vocabulário ativo, o uso de tal termo só pode ser enriquecedor. Quando o leitor não consegue associá-lo a nenhum outro elemento de seu universo, ou o interpreta erroneamente, ou tal termo pode acarretar o bloqueio da leitura.

Deduz-se, então, que a compreensibilidade/leiturabilidade do texto está ligada não apenas aos aspectos textuais intrínsecos, mas também à competência leitora das crianças e dos adolescentes. Por outro lado, esta habilidade do leitor pode estar relacionada principalmente à sua idade e à formação escolar. Por isso, Coelho (2000) defende que os textos deveriam ser adequados às fases de desenvolvimento do leitor infanto-juvenil. A título de ilustração, observemos o trecho a seguir, retirado de Tintenherz.

Durante a conversa da personagem Meggie com Elinor sobre livros antigos e um símbolo de um impressor famoso, esta diz:

“Er lebte in Venedig. Er hat Bucher gedruckt, [...] Ele viveu em Veneza e fazia die gerade so groß waren, dass sie gut in die Satteltaschen seiner Auftraggeber passen“ nos alforjes de seus clientes. (Coração de Tinta, 2006, p.41)

No texto alemão, a composição *der Sattel* (sela) + *die Taschen* (bolsas) torna a interpretação mais simples, já que estas duas palavras são supostamente conhecidas tanto pelo leitor jovem como pelo adulto. A redução de duas palavras para uma (*Satteltaschen* por alforjes em língua portuguesa) proporcionou a este item lexical uma carga de informação maior, específica, e de uma realidade temporal diferente, podendo

⁸ “the text being easy enough for children to read and understand” (PUURTINEN, 1989, p.203).

acarretar dificuldades de compreensão. Uma solução comumente usada pelos tradutores é a utilização de paráfrase para explicar o termo, entretanto com a desvantagem de aumentar o texto, e provavelmente o número de páginas.

Outra questão que deve ser considerada é o papel desempenhado pelo sistema educacional e mercadológico das culturas fonte e alvo envolvidas no processo tradutório. Se o texto deve adequar-se à idade de desenvolvimento da criança e do adolescente (COELHO, 2000), é provável que nos deparemos aqui com diferentes concepções de competência leitora e de idade escolar nestas culturas. No caso dos países aqui envolvidos - Brasil e Alemanha -, Dias (2001, p.28) comenta que:

Se, na Alemanha, o livro atinge um público entre 7 e 9 anos de idade, isto é, atinge as crianças chamadas *Erstleser*” (aquelas que estão aprendendo a ler), aqui no Brasil a obra se destinaria a um público entre 8 e 10 anos, pois por tradições mercadológicas e cultural, nosso público não está acostumado a ler obras tão longas e pouco ilustradas logo no início da alfabetização.

Voltamo-nos, agora, para os aspectos linguísticos da tradução, a saber: elementos do dia-a-dia, localização, nomes e títulos, alimentos, mitologia e folclore, termos da natureza, hábitos e costumes, referências literárias e brincadeiras. Eles costumam representar dificuldades na tradução e, muitas vezes, ocasionar discrepâncias culturais. Observamos que dentro dos livros infanto-juvenis, os itens culturais traduzidos podem, por um lado, apresentar elementos de uma cultura nova ao leitor infanto-juvenil, ou seja, introduzir o leitor a uma realidade nova. Por outro lado, podem também afastá-lo da leitura quando se deparam com informações estranhas ao mundo do leitor e não compreendidas.

Há situações em que o próprio autor busca caminhos para levar o leitor à compreensão dos elementos culturais. No caso de *Tintenherz*, a intertextualidade na forma de citações e de alusões literárias constitui um recurso estilístico muito utilizado. Entretanto, sua escritora, Cornelia Funke, clarifica as conexões dos intertextos com sua obra e apresenta no final do livro a referência bibliográfica das obras utilizadas no intuito de informar o leitor. Conforme Santos (2009, p.299),

O estilo de Cornelia Funke aplicado à intertextualidade e paratextualidade indicou um pioneirismo nos jogos intertextuais que a autora promove, como a intertextualidade ficcional. Ela apresenta também a dupla possibilidade de leitura dos intertextos: a primeira, quando a autora indica a forma de desvendar a corrente intertextual; e

a segunda, marcada por pistas, que subjaz ao texto, às quais apenas o leitor mais experiente ou investigativo (adulto) poderia chegar.

A multifuncionalidade e os diferentes gêneros de textos deste tipo de obras trazem para a literatura infanto-juvenil zonas de intersecções com outras áreas (AZENHA, 2001). Entre elas estão a poesia, a ficção científica, os quadrinhos e as áreas de especialidade, que exigirão pesquisas e estratégias da tradução técnica.

Podemos observar tal situação nas obras de Júlio Verne, que são grandes exemplos de exploração da terminologia científica e tecnológica na literatura. Na obra *A viagem ao centro da Terra* (1875), por exemplo, o autor se apropria de inúmeros termos provenientes da área de geologia e em *Cinco Semanas em um balão* (1863), há menção a várias coordenadas geográficas e à terminologia de balonismo.

Cabe ressaltar que não é apenas na ficção científica que podemos encontrar os termos técnicos. Mesmo na literatura fantástica, como Harry Potter de J.K. Rowling, eles estão presentes. Há tanto termos existentes como ficcionais, além de neologismos. Dentre eles, destacam-se termos de feitiçaria: *Expelliarmus*, *Wingardium Leviosa* e *Horcrux*; criaturas mágicas: *dementadores* (*dementor*), *comensais da morte* (*death eater*) e jogos: *quadribol* (*Quidditch*).

Este tema foi investigado por Fernandes (2004), que analisou nomes de comidas: *picolés ácidos* (*acids pops*), *sapos de menta* (*Peppermint toads*), e objetos de magia: *balaços* (*Bludgers*), *bisbilhoscópio de bolso* (*pocket sneakoscope*) e *lembrol* (*remembrall*). Segundo o autor, as estratégias de tradução destes nomes dependeram, principalmente, de seu valor semântico e de sua leiturabilidade na língua alvo.

Fica claro aqui que, ao contrário do que alguns consideram, a tradução de LIJ não é uma atividade mais fácil de se realizar do que a literatura adulta (DIAS, 2001), pois requer diferentes habilidades e análises do tradutor. Para Azenha (2001), o tradutor deve ter capacidade de observação do modo de falar de jovens e de crianças, fazer uma grande quantidade de leituras de obras de literatura infanto-juvenil, abandonar conceitos pré-concebidos sobre o modo como as crianças falam, além de ter domínio de recursos expressivos escritos, sobretudo a linguagem técnica.

Tradução técnica e seus desafios

Com o advento da globalização, a demanda por traduções técnicas aumentou rapidamente no Brasil e no mundo. No entanto, similarmente à situação da tradução de literatura infanto-juvenil, o crescimento não acontece na mesma proporção em termos de reflexões teóricas no meio acadêmico. O desinteresse pela tradução técnica por parte de muitos estudiosos na área se deve ao fato de que este tipo de tradução é considerada como uma operação de mera transcodificação de termos. Esta visão está centrada na noção de estabilidade da linguagem, sobretudo dos termos técnicos. Portanto, não considera que a terminologia é dinâmica e nem leva em conta os aspectos multidimensionais envolvidos no processo tradutório (AZENHA, 1999).

A tradução técnica é caracterizada pela presença de uma terminologia específica. Entretanto, é necessário lembrar que tal modalidade tradutória - assim como a literária - está inserida em um contexto cultural e histórico que, se não considerados, podem ocasionar inadequações. Da mesma forma, “é sabido que a tradução equivocada de algum termo técnico pode trazer prejuízos ao funcionamento de um determinado equipamento, porque pode gerar uma compreensão insatisfatória do fato traduzido” (KOGLIN, 2007, p.13) devido a diferenças de organização, de montagem, e do conjunto de leis de cada país.

Vale lembrar, também, que a própria linguagem técnica está ligada a questões históricas e culturais das línguas envolvidas. Para evitar inadequações de tradução, Azenha (1999, p.10) sugere que:

[...] os termos técnicos cunhados para abrigar conceitos deveriam constituir com estes uma amálgama indissolúvel e imune aos efeitos do tempo e espaço, a fim de poderem resistir a uma série de condicionantes a que estão expostos: o uso linguístico nas diferentes situações de comunicação técnica, a evolução da ciência, as defasagens tecnológicas entre os países, os diferentes critérios de medição, de normatização e as diferentes legislações, só para citar alguns exemplos.

Há ainda a questão dos múltiplos leitores, já que textos técnicos podem ser lidos tanto por especialistas como por clientes e outras pessoas interessadas na área. Diferentes dificuldades aparecem na tradução técnica como: textos cujos originais são traduções de outros idiomas, erros ortográficos e gramaticais, falta de coesão textual e informações falhas na língua de origem. As abreviações e siglas são recursos comumente utilizados por especialistas de determinadas áreas, as quais se tornam,

muitas vezes, enigmáticas e despendem um tempo maior para encontrar a solução adequada. Tempo esse que nem sempre é disponibilizado ao tradutor por razões mercadológicas.

Os textos técnicos são marcados ainda pela questão ideológica, domínio de mercado e tecnologia, aspectos que devem ser considerados pelo tradutor na escolha da terminologia e da sintaxe. A tradução técnica, segundo Azenha (1999), atua com inúmeras variáveis e faz também uma intersecção com os estudos culturais. O tradutor deve criar estratégias para controlar estas variáveis, que podem ser os códigos, o próprio tradutor (formação e experiência), a situação de recepção do tradutor, intermediação de terceiros, entre outros, e garantir a eficácia de sua tarefa.

O tradutor técnico também deve considerar o aspecto da leiturabilidade, mantendo uma linguagem clara, objetiva e precisa em seus textos com base no contexto cultural. O que é objetivo e claro para uma dada cultura, pode ser redundante e demasiado para outra.

Da mesma forma, a preocupação estética também compõe a tarefa do tradutor ao estruturar um texto e ao trabalhar com as figuras e gráficos. Cabe salientar que a simplificação de informações técnicas com o objetivo de clareza e concisão, a falta de especificidade das informações, a falta de acuidade, falhas na reestruturação do texto e o uso inadequado de recursos gráficos e tipológicos são exemplos de falhas que podem ocorrer na tradução técnica (AZENHA, 1999).

Apesar de todos esses desafios discutidos anteriormente, as questões relativas à tradução técnica permanecem isoladas ou até mesmo ignoradas, como se o tradutor literário, ou de outras modalidades, não se defrontasse no seu cotidiano com linguagem de especialidade, ou dificuldades similares às encontradas na tradução técnica.

A linguagem de especialidade como recurso estilístico

Parece que as dicotomias tentam sempre definir um termo e/ou explicar um assunto em oposição a outro. O mesmo parece ocorrer quando tratamos de linguagem de especialidade e linguagem comum, embora seja sabido que essa estratégia não é suficiente. Acreditamos que seja necessário um estudo mais detalhado e aprofundado para determinação de acepções; porém, como neste artigo pretende-se apenas discutir a

ocorrência da linguagem de especialidade em textos infanto-juvenis e não se aprofundar em definições, adotaremos a seguinte explicação:

Por linguagem de especialidade, entende-se genericamente o conjunto de marcas lexicais sintáticas, estilísticas e discursivas que tipificam o uso de um código linguístico qualquer em ambiente de interação social centrado em determinada atividade humana. (AUBERT, 1996, apud EMMEL, 1998, p.9)

As características principais do termo técnico consistem na sua autonomia, seu conceito e o contexto ao qual pertence, segundo Fluck (1991). As características distintivas dos termos, de acordo com O Pavel (2002), são representadas pelas condições da relação unívoca (monossemia) do termo com o conceito especializado em uma determinada área do conhecimento (um termo, um conceito); pela estabilidade da relação entre a forma lexical e seu conteúdo semântico (lexicalização) em textos de uma área de especialidade e pela frequência de emprego do termo e entorno contextual relativamente fixo (fraseologia).

Outro traço característico da linguagem de especialidade é a apresentação dos “fatos tematicamente de modo mais completo e explícito possível linguisticamente, no entanto, de modo mais sucinto” (BENS, 1976, apud EMMEL, 1998, p. 9). Os termos são constituídos na maior parte por substantivos comuns, simples, derivados e compostos ou sintagmas nominais, que podem ser um elemento da linguagem comum que passa a ter um significado especializado, ou um elemento lexical criado para designar um sentido específico, formado por símbolos, nomes científicos em latim ou grego, acrônimos e siglas.

Segundo Fluck (1991), torna-se difícil definir o que é linguagem de especialidade, já que determinados termos não estão mais restritos à linguagem entre especialistas e já se tornaram comum na linguagem cotidiana, portanto delimitar a fronteira entre a linguagem de especialidade é uma problemática ainda não resolvida.

É possível, contudo, verificar uma grande influência da linguagem de especialidade na linguagem comum, sobretudo no léxico e na sintaxe devido ao grande número de termos técnicos presentes na linguagem diária das pessoas e nos meios de comunicação. Tomemos como exemplo termos originários da área de informática - *backup*, *hacker*, baixar um arquivo, *home banking* - que atualmente, devido à popularização da Internet, tornaram-se linguagem comum. O mesmo processo ocorre em outras áreas, como arquitetura - *baldrame*, *betoneira*, *brita-*, área de meio ambiente -

efeito estufa, projeto de carbono-, na de medicina - analgésico, anemia, anorexia, aparelho marca-passos, necrose-, dentre outros. Fluck (1991) denomina este processo como influência da linguagem de especialidade na linguagem comum. É possível encontrar uma denominação para esta ocorrência: vulgarização de termos técnicos. Conforme explica Andrade (1998, p.18), “a banalização é o processo pelo qual um termo técnico-científico especializado passa a ser denominado pelo seu equivalente na linguagem comum ou popular”.

Os termos de especialidades provêm, segundo Fluck (1991), das áreas técnicas e científicas, referentes ao consumo de produtos técnicos (aparelho de TV, carro e outros) e ao consumo da ciência no sentido mais abrangente (viagens espaciais, transplante de coração). Esta influência se deve a um aumento constante e crescente no desenvolvimento técnico e científico. A tecnologia e a informática atualmente são grandes responsáveis por permearem o vocabulário comum com uma linguagem específica com empréstimos de palavras estrangeiras, principalmente da língua inglesa.

O principal meio que transporta a linguagem de especialidade para a linguagem comum é a comunicação de massa que frequentemente informa sobre novas tecnologias e conhecimentos (Fluck, 1991). A linguagem de especialidade exerce basicamente três tipos de influências sobre a linguagem comum:

- 1) Influência na forma de pensar: os avanços tecnológicos e científicos trouxeram mudanças no modo de vida das pessoas, conseqüentemente a linguagem por elas adotada foi ampliada para atender a estas mudanças. Tornou-se possível, através dos elementos da linguagem de especialidade, expressar a conexão e a complexidade do pensamento.
- 2) Influência no léxico: novas referências (nomes) foram criadas para designar objetos e fatos que surgiram devido ao desenvolvimento das áreas especializadas que ocorrem principalmente nas áreas técnicas e científicas. Tomemos como exemplo ataque cardíaco, reatores atômicos e estações espaciais. Temos também nas áreas de trabalho, lazer e esporte termos como escanteio, mata-mata, pênaltis, abuso de equipamento, *ace*, área de saque.
- 3) Influência na sintaxe: houve uma tendência à nominalização, uma maior flexibilidade e necessidade de precisão e compactação de informação. Além disso, trouxe economia para a formação de sentenças e expressões, como em fazer um *check-up* e por à disposição.

A terminologia disseminada na linguagem comum é, portanto, encontrada em diferentes contextos, como diálogo entre pessoas, em filmes, em desenhos animados e em obras literárias. Eles são utilizados não apenas para dar nomes e especificar situações, mas também para retratar a realidade ou criá-la.

Desta forma, a linguagem de especialidade, além de servir de comunicação, como no caso dos textos técnicos, pode assumir uma função diferente quando inserida em outra situação ou contexto, como nos textos literários em que, além de provê-lo com informações, pode ser utilizada como um recurso estilístico. Neste sentido, ela pode oferecer informação precisa e comunicar a apresentação de um objeto apenas com uma palavra.

Ela [linguagem de especialidade] é usada também como recursos estilísticos para alcançar determinados efeitos literários - atmosfera de trabalho, passar a exatidão da mensagem, caracterização do tempo, objeto e pessoa, esclarecimento ou tornar a descrição mais viva. (FLUCK, 1991, p. 173)⁹

A utilização de terminologia em textos literários tem o propósito de, principalmente, tornar as histórias verossímeis, aproximando o leitor de uma dada realidade. Alguns termos técnicos foram criados a partir de uma realidade ficcional e só existem dentro dela, como é o caso de andróides, teletransporte, viagem interestelar, mutantes e desmaterializar. No entanto, outros termos técnicos nascem da ficção científica e passam, a partir de uma determinada época, a ter utilização no mundo real. O termo robô, por exemplo, foi utilizado como *robot* pela primeira vez em 1921 na peça do dramaturgo tcheco Karel Capek intitulada RUR (*Rossum's Universal Robots*), segundo Silva (2006). Já o escritor norte-americano H. G. Wells também usou a linguagem técnica para criar histórias que hoje mais pareciam uma previsão, descrevendo batalhas aéreas e armas atômicas, antes da existência destas.

No cinema, a ficção se expande para várias áreas de especialidade. O filme *Jurassic Park* (1992) explora termos da engenharia genética e paleontologia - genes, embriões, DNA e AI (Inteligência Artificial) -, atua na área de robótica, medicina e inteligência artificial. Filmes que envolvem temas de física, história, medicina, engenharias e meio ambiente também trazem uma vasta lista terminológica. Nos

⁹ [...], daneben aber werden sie als Stilmittel dazu verwendet, bestimmte literarische Wirkungen zu erzielen – Arbeitsatmosphäre, Exaktheit der Aussage, Charakterisierung von Zeit, Gegenstand oder Person, Verdeutlichung oder Verlebendigung einer Schilderung.

discursos de advogados, juízes e promotores de muitas obras cinematográficas, os termos da área jurídica aparecem e levantam as questões das diferentes legislações. Os filmes *Advogado do Diabo* na área jurídica e *O Óleo de Lorenzo* na área médica ilustram a problemática da tradução de terminologia em filmes, pois, além de haver diferentes contextos socioculturais a se considerar, o tradutor precisa encontrar uma solução que respeite as limitações de espaço – número de caracteres - e de duração das legendas na tela.

Até mesmo na poesia, é possível encontrar termos técnicos, como podemos ver no poema *A Ideia* de Augusto dos Anjos (1912), que apresenta uma imagem próxima à exatidão.

De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!
Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!
Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica ...
Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua paralítica.

Na LIJ a linguagem técnica é aplicada com funções semelhantes às da literatura adulta, mas outras vezes tem um caráter didático - ensinar o mundo dos adultos às crianças. Quando a terminologia vem associada a uma imagem, como no caso dos filmes, ela parece ser decodificada mais facilmente pela criança. Porém, inserida dentro do texto escrito, sem o suporte da linguagem não-verbal, a linguagem técnica pode se tornar um obstáculo à compreensão ou um desestímulo à continuidade da leitura.

Desta forma, a terminologia dentro das obras de LIJ pode servir de parâmetro para medir a aceitabilidade e compreensibilidade destas junto às crianças e adolescentes, já que os termos técnicos podem aumentar a densidade lexical e informacional de um texto e, portanto, diminuir a leiturabilidade e entendimento. Além disso, conhecer a função da linguagem técnica no texto se torna fundamental para escolha tradutória adequada na língua alvo, conforme será discutido na seção subsequente.

Terminologia em *Tintenherz*

O corpus selecionado para este estudo é o romance *Tintenherz* que foi escrito em 2003, por Cornelia Funke, autora prestigiada e premiada na Alemanha. No Brasil, foi traduzido como *Coração de Tinta* por Sonali Bertuol e foi publicado pela Companhia das Letras em 2006. Tornou-se filme em 2008 e faz parte de uma trilogia. *Tintenherz* é o primeiro do grupo. Em 2006, é publicado *Tintenblut* (traduzido por Sangue de Tinta em 2009) e, em 2007, *Tintentod*, que ainda está sendo traduzido (Morte de Tinta), segundo informações do *site* do Instituto Goethe. As obras receberam vários prêmios na Alemanha e nos Estados Unidos e destinam-se a um público a partir de 11 anos de idade nestes países.

Quanto ao enredo de *Tintenherz*, a estória se desenrola a partir dos conflitos entre os personagens ficcionais e os reais. A protagonista principal, uma menina de 12 anos chamada Meggie, vive com seu pai Mortimer, um restaurador de livros. O pai, ao ler em voz alta, traz para a realidade os personagens existentes nos livros. Desse modo, pessoas do mundo real vão para dentro das histórias. Isso ocorre primeiramente com alguns personagens de um livro chamado *Coração de Tinta*.

Coração de Tinta poderia ser definido como realismo fantástico, por transitar entre a realidade e a fantasia. Desta forma, predominam os termos baseados na realidade. Poucos neologismos ficcionais são encontrados nesta obra, e se referem especificamente aos antropônimos, como Dedo Empoeirado (Staubfinger).

Os termos selecionados para esta análise foram compostos especificamente de duas áreas: restauração de livros e botânica. Escolhemos esta com o objetivo de ilustrar a diversidade terminológica dentro de um texto e aquela por ser a mais relevante para o enredo da estória. Os trechos, aos quais os termos pertencem, não são citados aqui, porque eles não fornecem informações que poderiam ajudar na dedução de significados e tornariam este artigo demasiadamente extenso.

A temática da obra gira em torno de livros e especialistas da área de biblioteconomia com enfoque na produção, conservação e restauração de livros como bibliófilos, restauradores de livros e escritores, tornando necessários procedimentos de

um tradutor técnico, como a pesquisa terminológica, por exemplo: buchblock (corpo do livro) e buchbinder (encadernador).¹⁰

Os termos relacionados à área de restauração de livro estão presentes também em outros capítulos por se tratar do tema principal do livro e a profissão do pai. Por exemplo, o termo Papiermesser (Papier + Messer) / papel + faca/lâmina. Foi traduzido como corta-papel e é um instrumento que Mortimer utiliza para restaurar livros.

Interessante observar que a palavra composta no alemão parece não criar dificuldade de entendimento, pois é formada por um verbo e um substantivo pertencentes à linguagem comum. Isto também ocorre na língua portuguesa. Mesmo que o leitor nunca tenha visto ou lido este termo de especialidade, ele consegue ter a noção do que seja.

No entanto, outras palavras traduzidas como termos técnicos parecem criar uma dificuldade maior, mesmo quando predominam as palavras compostas, como se observa neste exemplo: *Vorsatzpapier* (Vorsatz + Papier) – traduzida por folha de guarda.

A provável razão para a dificuldade de compreensão do significado deste termo se deve principalmente ao fato de o leitor não conseguir fazer a conexão entre as palavras compostas, ou seja, embora ele as conheça isoladamente, não é possível deduzir o seu significado naquele contexto. O termo representa uma das partes dos livros, a folha da frente. Esta opção, apesar de ser traduzida também por composição e ter dois elementos da linguagem comum, que facilitaria o seu entendimento, pode gerar dúvidas ou interpretações variadas.

As ferramentas de trabalho também podem causar certas dificuldades de leitura e exigem do tradutor um tratamento terminológico adequado para criar a desejada atmosfera verossímil de trabalho, bem como caracterizar o personagem Mortimer. Vejamos o exemplo: Das Falzbein: (dobra + perna) – traduzido por a dobradeira.

¹⁰ Traduções retiradas do livro *Coração de Tinta* (2006).

Como já mencionado, o jovem leitor alemão parece ter uma vantagem no processo de dedução, conhecimento ou preenchimento das lacunas ao se defrontar com um novo termo técnico, já que grande parte da linguagem de especialidade é formada por termos compostos, como vemos também neste exemplo:

Der Buchrucken

das Buch (livro) + der Rucken = (lombo)

Este termo foi traduzido, na obra *Coração de Tinta*, como lombada que, segundo o *Dicionário Prático da Língua Portuguesa* (1992), significa dorso do boi, dorso de monte, serra ou qualquer outra elevação do terreno, parte da encadernação que cobre o dorso do livro e segura as capas. Portanto, a tradução por lombada, apesar de se adequar à área de especialidade, pode gerar tanto dúvidas como compreensão dispendiosa para o leitor. O tradutor poderia optar por traduzir por dois nomes, como o dorso do livro, ou ainda utilizar uma paráfrase.

A opção por traduzir um composto por um único termo, e não dois elementos de linguagem de especialidade, pode diminuir o nível de leitura, já que aumenta a carga informacional. Outro exemplo é apresentado pela personagem bibliófila Elinor:

Die Buchmalerei

das Buch(livro) + die Malerei (pintura)

Traduzido como Iluminura, o termo foi utilizado para explicar a capa de um livro, instruir o leitor sobre a produção de livros antigos e descrever a cultura de uma época. Para introduzir este termo ao leitor infante-juvenil, a autora explicou seu significado através da voz da personagem Elinor. Ela diz a Meggie: “Sim, a arte da iluminura [...]. Antigamente, apenas os ricos sabiam ler. Por isso, para que os pobres pudessem entender as histórias, existiam as figuras desenhadas em cima das letras [...]” (Coração de Tinta, 2006, p. 43).¹¹

A função didática desta terminologia traz para o adolescente não só o entendimento do termo, como também a compreensão das gravuras do livro e da capa, caracterizando também o personagem, pois Elinor acaba por mostrar o seu elevado grau de conhecimento sobre o assunto.

¹¹ Ja, die Kust der Buchmalerei!, sagte sie. Fruher konnten nur die Reichen lesen. Deshalb gab man den Armen Bilder zu den Buchstaben, damit sie die Geschichten verstehen konnten.

Por outro ângulo, a terminologia na tradução pode ser resultado da escolha lexical do tradutor ou da editora, e não especificamente do autor. A palavra *Zeichen*, por exemplo, significa sinal, símbolo ou marca e foi traduzido pelo termo em latim *ex-libris* o qual indica que uma obra é "de propriedade de" ou "da biblioteca de", colada em geral na contracapa ou na folha de rosto de um livro. A provável razão para esta decisão em usar terminologia deve ser que outras opções não retratariam adequadamente a significação pretendida pela autora, embora ela também pudesse usar o termo em latim no texto fonte.

Ocuparemos agora de uma segunda área de especialidade, a botânica. Ela aparece através da citação de nomes de plantas venenosas usadas por Mortola, a mãe do vilão Capricórnio. Tais termos caracterizam a personagem e, ao compará-la a uma bruxa, provoca um clima de tensão e medo na trama. Observemos os exemplos:

Der Oleander (Oleando - *Nerium oleander*),
Espirradeira

Das Bilsenkraut: (*Hyoscyamus niger* L.)
Meimendro negro

Der Eisenhutextrakt: (*Aconitum napellus* L.)
Extrato acônito

A estratégia do tradutor em relação a estes tipos de termos depende do solicitante da tradução e dos acordos previamente tratados com ele. Por um lado, pode ser feito um “controle de conteúdo”, pois o conhecimento destas palavras poderia representar algum risco para o jovem. Por outro lado, estes termos poderiam ser mantidos por apenas nomear e ter uma função didática subtendida em saber o que é venenoso e o que não é.

O exemplo a seguir ilustra a questão da diversidade de temas e áreas dentro de um texto e a relevância da terminologia dentro do texto. O próprio título do livro traz um termo técnico *Tinte*, que significa nanquim. Tal denominação se refere ao coração do vilão que é negro como “*Tinte*”. Este termo tem a função de representar a cor, a força da cor e por ter sido pintado e criado. As opções de tradução seriam então coração de nanquim ou coração de tinta.

A opção por nanquim parece atender melhor à problemática apresentada na história, mas, por outro lado, poderia não ser entendida pelo leitor devido ao seu caráter

terminológico. Desta forma, foi realizada uma escolha mais genérica e mais tangível para os adolescentes e crianças.

Como observamos nos exemplos discutidos, a terminologia marca principalmente a área de atuação de cada personagem, descrevendo-o e dando-lhe um caráter de verossimilhança. As estratégias de tradução de termos técnicos compõem-se, de um modo geral, de substituição por um termo técnico correspondente na língua alvo, o que pode muitas vezes prejudicar o nível de leitura. Outra opção, embora não encontrada nestes exemplos, seria a paráfrase, que foi utilizada, por exemplo, pela autora para explicar o termo *iluminura*. Contudo, a paráfrase tem o efeito de aumentar o texto e, se utilizada constantemente, aumenta também o número de páginas. No caso de *Coração de Tinta*, isso seria um fato indesejável, pois o texto fonte já possui 574 páginas. É possível deduzir que a estratégia escolhida pela tradutora e pela editora priorizou o não aumento deste volume. Isto pode ser observado na quantidade de páginas reduzidas da tradução que ficou em 455 páginas.

Considerações finais

Este estudo propôs-se a discutir os pontos de intersecção da tradução literária e da técnica, com enfoque na questão terminológica. Embora tais modalidades sejam consideradas supostamente distintas, sublinhamos que o hibridismo de tipos textuais, de gêneros, e de temas estimula a presença de terminologia na literatura infanto-juvenil, tanto na ficção científica como na literatura fantástica.

No caso de *Coração de Tinta*, há predominância de termos técnicos reais, cuja finalidade é aumentar a verossimilhança de fatos e personagens. A terminologia analisada no texto fonte não apresenta características que poderiam desencadear bloqueios de leitura no adolescente alemão por duas razões: a transparência da língua e a formação de compostos. Parece haver uma preferência por termos técnicos e elementos que estão na linguagem comum, ainda que seja possível encontrar unidades terminológicas específicas de uma determinada área.

A tradução optou, na maioria das vezes, por termos técnicos correspondentes na língua portuguesa, não utilizando nenhum recurso para o esclarecimento deles. Estes termos têm funções de nomear objetos e caracterizar os personagens, utilizados principalmente em descrições. Assim, eles poderiam criar alguns problemas com a leitura. Entretanto, acreditamos que os termos traduzidos não causam bloqueio

de leitura por falta de compreensão, visto que não afetaram os níveis de coerência do texto nem prejudicarem a trama.

Concluimos assinalando que a linguagem de especialidade se apresenta na literatura infanto-juvenil como parte da linguagem comum e como um recurso estilístico, logo requer um tratamento terminológico adequado. A tradução deve contemplar não apenas a sua função no texto, as características do gênero literário e os aspectos culturais e ideológicos, mas também o seu leitor.

Referências

AZENHA, J. J. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. **Revista de Estudos Germânicos**, São Paulo, v. 9, p. 367-392, 2005.

_____. **Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado**. São Paulo: Humanitas, 1999.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DIAS, R. S. **Traduzir para Criança: uma brincadeira muito séria**. 2001. 287 f. Dissertação de Mestrado de Letras Modernas (Língua e Literatura Alemã). Universidade de São Paulo. São Paulo.

DUDEN. **Deutsches Universalwörterbuch**. 5. ed. Mannheim, 2003. [CD-ROM].

EMMEL, I. **O “Fazer” terminológico x O “Fazer” Tradutológico: uma aplicação prática na área de especialidade tradutologia**. 1998. 153 f. Tese de Doutorado. (Letras-Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

FERNANDES, L. P. **Brazilian practices of translating names in children’s fantasy literature: a corpus-based study**. 2004. 270 f. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

FLUCK, H. **Fachsprachen**. 4. Aufl. Tübingen: Francke Verlag, 1991.

FUNKE, C. **Tintenherz**. Hamburg: Cessilie Dressler Verlag, 2003.

_____. **Coração de Tinta**. Tradução de Sonali Bertuol. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

GOETHE INSTITUT. **Obras Fomentadas**. Disponível em: <http://www.goethe.de/ins/br/sap/wis/uef/ufb/ptindex.htm>. Acesso em: 16 mar. 2009.

KOGLIN, A. Barreiras culturais e desafios técnicos na legendação e na tradução técnica. **Revista Querubim**. v.3, n.5, 2007.

NORD, C. **Translating as a purposeful activity**: functional approaches explained. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1997.

O Pavel: curso de terminologia do departamento de tradução. Ministério de Obras Públicas e de Serviços Governamentais do Canadá. Disponível em: <http://www.termium.gc.ca/didacticiel_tutorial/portugues/lecon1/indexe_p.html>. Acesso em: 29 nov. 2006.

PUURTINEN, T. Assessing acceptability in translated children's books. **Target 1**. Amsterdam: John Benjamin's Publishing. p.201-213, 1989.

SANTOS, A. M. Intertextualidades no romance infanto-juvenil de Cornelia Funke. In: **4 Seminário de Literatura Infanto-Juvenil de Santa Catarina**. Palhoça: Unisul, 2009.

SHAVIT, Z. **Poetics of Children's Literature**. Athens and London: The University of Georgia Press, 1986. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~zshavit/pocl/contents.html>>. Acesso em: 14 maio 2007.